

YOUTUBE COMO REDE SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DA PLATAFORMA PARA A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Izidio Dias de Carvalho Junior¹
Márcia Aparecida Silva²

RESUMO: O presente artigo objetivou investigar a plataforma *YouTube* como rede social e espaço útil à aprendizagem autônoma de língua inglesa. Concebemos aqui a ideia de que o *YouTube* é uma plataforma em potencial para tal, mas temos a noção de que há um perfil específico para o aluno que poderia se beneficiar com o uso dessa ferramenta. Para o embasamento teórico desta pesquisa nos valemos da aceção de rede social em Recuero (2009) e buscamos, principalmente em Leffa (2003), Paiva (2005) e Wisniewska (1998), um ponto de partida para entender de que maneira ocorre o processo de autonomia na aprendizagem. Para realizar a pesquisa, utilizamos atividades propostas por três professores que utilizam a plataforma *YouTube* para ensinar a língua inglesa, e interações feitas pelos usuários nos perfis desses professores. As análises nos revelaram que a plataforma *YouTube* pode ser considerada uma rede social educacional que possibilita e incentiva uma aprendizagem autônoma.

PALAVRAS-CHAVE: *YouTube*. Rede social. Línguas estrangeiras. Autonomia.

ABSTRACT: This paper aimed at investigating the YouTube platform as a social media and a useful space to an autonomous English language learning. We believe that YouTube is a potential platform to enhance autonomy, but we are aware that there is a specific type of student who could benefit from using this tool. For the theoretical basis of this research, we had the meaning of social network as in Recuero (2009) and we sought, mainly in Leffa (2003), Paiva (2005) and Wisniewska (1998), a starting point to understand how the autonomy in learning can occur. To conduct the research, we used activities suggested by three teachers who use the YouTube platform to teach the English language, and interactions made by users in the profiles of these teachers. The analyzes revealed us that the YouTube platform can be considered an educational social network that allows and encourages autonomous learning.

KEY-WORDS: YouTube. Social media. Foreign languages. Autonomy.

Considerações Iniciais

As redes sociais são ferramentas presentes na realidade de todo e qualquer cidadão moderno. Tendo isso em mente nos propomos pesquisar como a plataforma *YouTube* pode se constituir como uma rede social e como estabelece possibilidades para promover a autonomia em aprendizes de língua inglesa.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás UEG-campus Iporá (UEG). Docente na Oaktree English School. E-mail: izidiojunior18@gmail.com.

² Doutora em Estudos Linguísticos. Docente na Universidade Estadual de goiás UEG-campus Iporá (UEG). E-mail: marciasilva@ueg.br.

O *YouTube* é uma plataforma *online* que foi lançada originalmente em junho de 2005, por Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim. A plataforma foi vendida, um ano depois de seu lançamento, para o *Google*³. A compra foi feita mediante a quantia de \$1.65 bilhões de dólares (mais ou menos R\$6 bilhões em reais) (BURGESS; GREEN, 2009).

O *YouTube* é, na atualidade, uma das plataformas mais influentes e disseminadas internacionalmente, tendo atingido a marca de 1.58 bilhões de usuários em 2018 e, em 2011, sua interface já estava disponibilizada em 34 idiomas (BARTON; LEE, 2015). Além de possibilitar o compartilhamento de conteúdo audiovisual, o *YouTube* permite que seus usuários, mediante um cadastro, possam avaliar os vídeos, dando *like* ou *dislike*, e adicioná-los à uma lista de vídeos favoritos. O conteúdo encontrado nessa plataforma varia muito em seu teor, e pode se apresentar em forma de vídeos musicais, *trailers* de filmes, videoclipes, partes de programas de TV, transmissões ao vivo (*streaming*), e, um grande sucesso na atualidade, os *vlogs* e *daily vlogs*.⁴

Essa plataforma se apresenta como um ambiente *online* almejado por aqueles que desejam, ou não se importam, com uma vida mais “pública”. Prensky (2010, p. 2) afirma que “[h]á pessoas enlutadas com a necessidade de expressar e compartilhar seus sentimentos e que encontram conforto nas respostas das pessoas [...]”, ou seja, um grande número de pessoas produz seus conteúdos com a intenção de gerar algum tipo de *feedback* por parte daqueles que assistem aos seus vídeos.

Com o passar dos anos novos termos emergiram dentro da plataforma, e esses termos começaram a ser usados para se referir a nichos específicos dentro do *site*. Um dos termos mais importantes foi o “*youtuber*”, palavra usada para se referir a pessoa que produz material audiovisual e compartilha nesse *site*. Podemos inferir que as terminologias criadas foram fruto da tentativa de acompanhar a diversidade de conteúdo audiovisual hospedado diariamente. Como exemplo podemos citar “*booktuber*” e “*vlogger*”. Esses termos, respectivamente, denominam aqueles que produzem conteúdo relacionado à livros e à temas mais pessoais.

Segundo Silva (2016, p. 1),

³ Empresa multinacional fundada em setembro de 1998 por Larry Page e Sergey Brin e que, desde então, oferece serviços *online* e *softwares* para *download*. Entre os produtos ofertados temos: *Google Tradutor*, *Google Maps*, o navegador *Chrome*, a *Google Play Store* e vários outros. (Retirado de: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google.html>).

⁴ Dentro do *YouTube*, os termos “*vlog*” e “*daily vlogs*” caracterizam vídeos nos quais os *YouTubers* discutem temas variados e que não são muito roteirizados. Esses vídeos estão ligados à atualidade ou à preferência de seus seguidores. Os “*daily vlogs*”, mais especificamente, abordam vídeos nos quais o *YouTuber* mostra sua rotina diária (trabalho, estudos, ciclo social e etc.)

A primeira referência ao termo *BookTube* aparece em 2011, apesar dos livros serem um assunto abordado no *YouTube* muito antes desta data. Apenas em 2012 as características dos *BookTubes* começaram a se desenvolver e a se propagar mais intensamente, primeiro em canais em língua inglesa e, atualmente, em diversas línguas.

“*Vlogger*”, entretanto, refere-se às pessoas que não produzem conteúdo com um tema delimitado, ou seja, eles produzem um material que pode abordar qualquer aspecto da vida cotidiana deles e que possa, de alguma maneira, se relacionar à realidade de seus seguidores.

Burgess e Green (2009b, p.192-193) conceituam *vlog* da seguinte maneira:

O *vlog* (abreviação para “videoblog”) é uma forma predominante do vídeo “amador” no *YouTube* tipicamente estruturada sobre o conceito do monólogo feito diretamente para a câmera, cujos vídeos são caracteristicamente produzidos com pouco mais que uma webcam e pouca habilidade em edição. Os assuntos abordados vão de debates políticos racionais a arroubos exacerbados sobre o próprio *YouTube* e detalhes triviais da vida cotidiana.

Embora no momento de início do *YouTube* o equipamento para produção era basicamente uma *webcam*, na atualidade temos uma preocupação maior por parte dos produtores audiovisuais. Hoje em dia é possível encontrar vídeos nos quais os *YouTubers* apresentam seu material de filmagem e edição, nos levando a perceber a produção audiovisual para o *YouTube* como uma área que está se desenvolvendo profissionalmente.

Como mencionado anteriormente, o *YouTube* hospeda conteúdo audiovisual de diferentes gêneros, relevância social e objetivos. Os vídeos são pensados, principalmente, tendo um público alvo em mente, ou seja, não é difícil encontrar vídeos que falam sobre esportes, cultura (nacional ou internacional), notícias, educação, comédia e entretenimento delimitado para cada idade.

Como exemplo, podemos citar o *TEDx Talks*⁵, um canal com mais de 24 milhões de inscritos e 4 bilhões de visualizações. A proposta do canal é levar a nível global as ideias que se destacam na sociedade. Em outras palavras, o canal evidencia os pensadores que buscam, por meio de seus projetos, contribuir com a evolução da sociedade de alguma maneira. Esse é um canal de *status* global, portanto seu conteúdo varia tanto em gênero quanto em idioma utilizado.

Após essa introdução acerca do que é o *YouTube* e quais são seus possíveis usos, partimos para o tópico que envolve este trabalho, que está inserido na Linguística Aplicada, dado que enfatiza o processo de ensino e aprendizagem de línguas de uma maneira menos tradicional, mais relacionada à realidade e ao contexto dos aprendizes, que é o uso de mídias

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TEDxTalks>

digitais. Doravante abordaremos a relação do *YouTube* com a promoção da autonomia em aprendizes de língua inglesa e o seu papel como rede social. Para tanto, começaremos apontando essa plataforma como rede social e, mais adiante, relacionaremos esse ponto com a aprendizagem de língua inglesa e com a autonomia.

***YouTube* como rede social**

Com o passar dos anos o *YouTube* mudou seu conceito. Esse *site* deixou de ser apenas um ambiente para a hospedagem de vídeos, pois passou a chamar a atenção das pessoas que tinham interesse em compartilhar algo com o mundo. Ou seja, o *site* mudou “de um recurso de armazenagem pessoal de conteúdos em vídeo para uma plataforma destinada à expressão pessoal” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 21).

Essa ideia de expressão pessoal está intimamente ligada ao tópico que pretendemos abordar nesta seção, o social. Segundo Dornelles (2015), o *YouTube* ganhou a atenção das pessoas que querem contar ao mundo suas histórias, e elas veem essa plataforma como um canal alternativo no qual possam propagar suas ideias, opiniões e visão de mundo.

É justamente essa possibilidade de interação entre os usuários dos meios digitais que caracteriza as redes sociais. Recuero (2009, p.69) afirma que “uma rede social é sempre um conjunto de atores e suas relações”, sendo assim, o que caracteriza uma rede social como tal, são as relações e as interações estabelecidas entre seus usuários. Esse processo de interação é fortemente percebido no *YouTube*. E essa relação acontece em várias instâncias, seja entre *Youtuber* e seguidores, seguidores e *Youtuber*, *Youtuber* e *Youtuber* ou até mesmo entre seguidores. O objetivo desta seção, nessa medida, é justamente mostrar o *YouTube* na qualidade de rede social e, para tanto, apontaremos de que forma a interação se desenvolve nesse ambiente.

Não é complicado entendermos o *YouTube* como uma rede social que cria vínculos de comunicação e interação entre seus usuários. Para começar, essa plataforma nos permite seguir e interagir de forma mais direta com os produtores audiovisuais que geram conteúdo de nosso interesse. Isso acontece, por exemplo, por meio da possibilidade de podermos nos inscrever nos canais de *Youtubers* que gostamos, de avaliar positivamente ou negativamente os vídeos assistidos e de compartilhá-los. Outro aspecto interessante é a possibilidade de salvar o vídeo em uma lista para, na maioria dos casos, assistir mais tarde. O *YouTube* há muito passou a ser um âmbito no qual “muitos usuários publicam ideias e opiniões, procurando *feedback*, e muitos recebem um grande número de respostas aos seus clipes” (PRENSKY, 2010, p. 2).

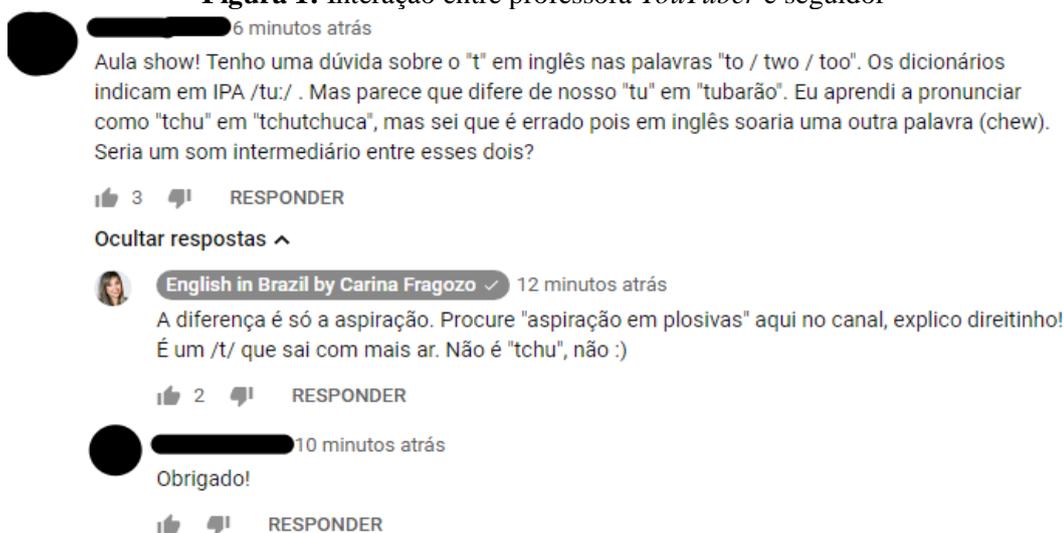
Os *digital influencers*⁶ em muitos casos incentivam seus seguidores à manifestarem seus pontos de vista por meio da seção de comentários, lugar no qual a interação ocorre majoritariamente. Opiniões e argumentos são apresentados, debates ocorrem abertamente dando voz a todo aquele que a queira usar.

Dornelles (2015, p. 12) afirma que

A grande vantagem dos meios digitais é a possibilidade de interação. A possibilidade dos leitores e espectadores darem continuidade às discussões. Participarem de algum modo da construção do conteúdo, debatendo, opinando e questionando cada postagem.

Para ilustrar esse assunto, veremos, em seguida, alguns desses momentos de relação/interação entre *YouTubers* e seus seguidores

Figura 1: Interação entre professora *YouTuber* e seguidor



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=FyAzWHT__tM

A figura 1 foi retirada de um vídeo no qual a professora *YouTuber* explica o IPA (*International Phonetic Alphabet*), e esse vídeo nos mostra o momento exato em que a relação *YouTuber*-Inscrito é realizada. Na imagem em questão o inscrito faz uma pergunta relacionada à pronúncia da letra “t” nas palavras homófonas *to*, *two* e *too*. A professora apresenta uma breve explicação sobre a pronúncia e indica um de seus vídeos com a explicação mais detalhada acerca do assunto.

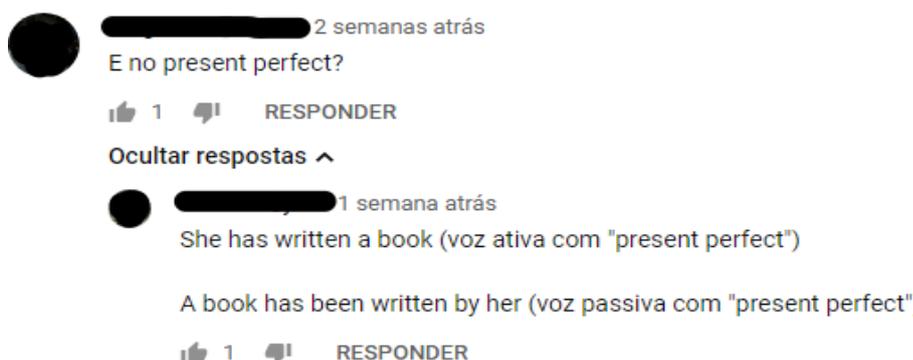
Esse tipo de interação, como a apresentada na figura 1, é uma das mais comuns nos canais de ensino de línguas, uma vez que dúvidas sempre surgem quando o assunto é um idioma estrangeiro. Contudo, acreditamos que com o passar dos anos a tendência é que os canais,

⁶ Termo usado para se referir a toda e qualquer pessoa que trabalha com alguma forma de mídia digital (YouTube, Instagram, Twitter etc.).

independente do gênero, alcancem um público maior e cresçam quanto ao número de inscritos. Tendo essa expansão de seguidores em mente, não é difícil imaginar que com o tempo será quase humanamente impossível para um *YouTuber* responder todos os seus seguidores.

É nesse tipo de cenário que ocorre um outro tipo de interação, o compartilhamento de conhecimento entre inscritos. É perceptível que um canal com mais de 1 milhão de inscritos recebe muitos comentários, comentários esses que não serão, ao menos não todos, respondidos pelo detentor do canal. Por isso é bem comum encontrar comentários como o seguinte:

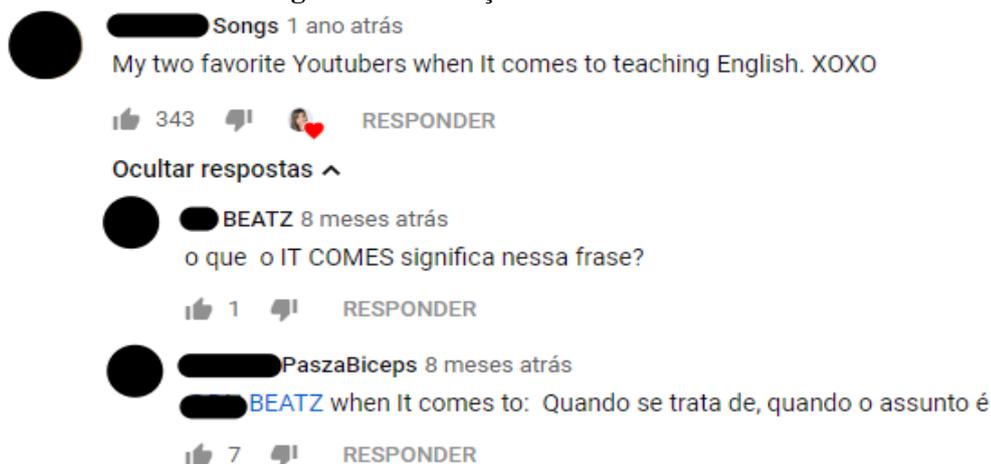
Figura 2: troca de conhecimento entre inscritos



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Kr4tQ-xdAAI>

Na figura 2, temos uma exemplificação acerca da interação entre inscritos. A imagem acima foi retirada de um vídeo no qual a *YouTuber* explica a formação da *passive voice* em língua inglesa. Vemos que o primeiro inscrito faz uma pergunta em relação ao uso da voz passiva no *present perfect*, e um segundo inscrito, por compreender o tema referente à pergunta, não hesita em responder. Esse tipo de relação pode ser considerado benéfico para todas as partes envolvidas, uma vez que o primeiro inscrito tem a dúvida sanada, o segundo inscrito coloca em prática o que sabe e o *YouTuber* possuidor do canal, conseqüentemente, tem um comentário a menos para responder.

A construção coletiva de conhecimento é frequente na seção de comentários em vídeos relacionados ao ensino do inglês como língua estrangeira. Observemos mais um caso:

Figura 3: Construção coletiva de conhecimento

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=l2FIym0ABqA>)

A figura 3 foi retirada de um vídeo no qual dois professores, uma brasileira e um americano, fazem um desafio sobre os sotaques em língua inglesa. A imagem acima apresenta um caso no qual três inscritos constroem mutuamente o conhecimento em língua inglesa. O primeiro inscrito ao comentar sua apreciação pelo trabalho da *YouTuber* usou a expressão “*It comes to*”, que gerou a dúvida no segundo inscrito, dúvida essa que foi prontamente sanada pelo terceiro inscrito⁷.

Por meio desses recortes podemos atestar que o *YouTube* é uma rede social, pois as pessoas que o utilizam e interagem em seu interior são o que mantem essa plataforma em atividade. Recuero (2009, p.103) confirma isso ao afirmar que

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes.

Tendo isso em mente, um *site* de rede social só se torna de fato uma rede social, mediante a comunicação humana estabelecida em seu âmbito. Outra forma de interação muito presente no *YouTube* são as *collabs*⁸. As *collabs*, do inglês, *collaboration*, são colaborações que os *YouTubers* fazem trazendo outros *digital influencers* para seus canais e vice e versa. Para exemplificar, podemos citar as seguintes *collabs*.

⁷ As figuras 1, 2 e 3 foram retiradas de interações no canal da professora Carina Fragozo. As imagens mostram momentos de interação entre a professora *YouTuber* e seus seguidores, e esses momentos apresentam a troca de informação que acontece nessa plataforma.

⁸ Termo usado para designar a colaboração (do inglês, *collaboration*) entre *YouTubers*.

Figura 4: *Collabs* entre Carina Fragozo e Gavin Roy

Fonte: https://www.youtube.com/results?search_query=carina+fragozo+and+gavin)

A figura 4 mostra três colaborações entre a professora brasileira, Carina Fragozo, e o americano, Gavin Roy. Acreditamos que as colaborações são relevantes nessa rede social, pois são elas que garantem, além da rotatividade de inscritos, o acréscimo de novas opiniões, pontos de vista e humor por parte do convidado.

Essa é apenas mais uma possível evidência de que o *YouTube* é um lugar regido pelas interações/relações entre seus usuários, sejam eles os produtores de conteúdo ou os inscritos, pois como reitera Prensky (2015, p. 2), “[e]m essência, o YouTube é comunicação humana, em todas as suas formas [...]”.

No tópico que se segue embasamo-nos em Arndt e Woore (2018) para discorrer sobre os conceitos de aprendizagem intencional e incidental dentro do *YouTube*, e apresentar sucintamente essa plataforma como um meio de propagação da educação. Também apresentaremos brevemente a visibilidade que professores de línguas experimentam ao se valer de tal ferramenta.

***YouTube* para fins acadêmicos**

Antes de passarmos para o tema desse tópico, é interessante mencionarmos que, com os avanços das tecnologias e suas relações com o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, tem surgido pesquisas nessa área. Portanto, mencionaremos aqui dois trabalhos que foram desenvolvidos tendo o *YouTube* e o ensino/aprendizagem de língua inglesa como foco. Essas pesquisas são importantes para a ampliação do conhecimento das potencialidades, e limites, da vinculação dessa plataforma ao ensino.

O primeiro é o trabalho de Silva (2018), que aborda a questão das contribuições pedagógicas do *YouTube* para o ensino/aprendizagem de língua estrangeira. A autora apresentou as possibilidades e os desafios que essa plataforma apresenta nos processos de ensino/aprendizagem da língua inglesa na educação básica, e os processos que perpassam as habilidades que docente e discentes precisam apresentar nesse modelo de ensino. Para tanto, a pesquisadora se valeu de uma metodologia de cunho qualitativo e fundamentação teórica para apresentar essas possibilidades. A autora embasou-se, principalmente, no canal *English in Brazil by Carina Fragozo* para buscar compreender a relação dessa rede social com o ensino de línguas.

A segunda menção é a do trabalho de Dias (2013), no qual a pesquisadora também tem interesse em apontar as contribuições pedagógicas do *YouTube*. A autora procurou apresentar essa rede social como um repositório de recursos audiovisuais capazes de contribuir com o desenvolvimento das habilidades de audição e de expressão oral no processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa no 1º ciclo do ensino básico.

As pesquisas acima citadas são relevantes para o cenário atual do ensino, pois elas investigam a vinculação de plataformas digitais ao ensino de línguas. Essa vinculação se apresenta diretamente ligada a crescente necessidade que muitos profissionais estão tendo em pensar um ensino mais condizente com a realidade tecnológica atual. Vale ressaltar que existem trabalhos acadêmicos que analisam o *YouTube* como uma plataforma que contribui para o ensino. Essas pesquisas estão presentes no ensino de matemática, física, biologia, Libras e etc., mas elas não serão incluídas aqui, uma vez que nosso foco é o ensino de língua inglesa.

Levando em consideração o alcance global dessa plataforma e a facilidade que temos para encontrar vídeos em várias línguas, podemos argumentar que há uma relação firme entre essa plataforma e o ensino/aprendizagem de língua inglesa. É nesse ponto que nosso trabalho se alicerça. Acreditamos no potencial do *YouTube* como facilitador no desenvolvimento da autonomia nos aprendizes, pois essa plataforma e sua grande variedade de conteúdo pode motivar os estudantes a explorarem a vasta gama de material em busca de novas informações. Em outras palavras, os discentes buscariam por informações em vídeos que lhes chamassem a atenção, e isso contribuiria diretamente com o seu processo de aprendizagem, uma vez que atuariam mais ativamente, não apenas esperando o professor lhes dizer o que fazer.

Barton e Lee (2015, p. 77) afirmam que “[m]uitos usuários do *YouTube* também aproveitam a possibilidade de compartilhamento de vídeo para “ensinar ao mundo” as línguas que falam”, ou seja, essa plataforma atua como um aliado no ensino e na aprendizagem de

línguas estrangeiras, uma vez que permite que professores de idiomas, formados ou não, “quebrem” as barreiras geográficas e atinjam usuários ao redor do globo.

Para dar continuidade a essa discussão, se faz necessário construir uma ideia acerca do termo “informal” vinculado à aprendizagem. Para garantir a compreensão da ideia aqui proposta, a partir desse ponto, objetivaremos estabelecer uma relação entre as aprendizagens “intencional” e “incidental” e o ensino informal. E a partir daí, falaremos de que maneira pode ocorrer a aprendizagem informal⁹ no *YouTube*.

A priori, façamos uma breve explicação sobre os termos incidental e intencional baseados em Arndt e Woore (2018). Ao mencionarmos “intencional” temos a pretensão de abranger a aprendizagem vinculada à concentração, ou seja, aquela na qual o discente está ativamente aprendendo. Isso ocorre, por exemplo, no momento em que um aprendiz de idiomas está em um contexto tradicional de ensino no qual ele está recebendo algum tipo de instrução por parte do professor. Os momentos de explicação em sala de aula, a título de exemplo, podem se encaixar na aprendizagem intencional, porque é quando os alunos focam sua atenção para aprender, pois como Arndt e Woore (2018, p. 125) afirmam, “[...] acredita-se que a aprendizagem intencional ocorre quando a atenção dos alunos está concentrada na aquisição de novos recursos de linguagem [...].”

Embora tenhamos usado a sala de aula, espaço formal de ensino, para nos referirmos à aprendizagem intencional, ela também pode ocorrer no contexto *online* por meio do *YouTube*. Quando um aprendiz assiste um vídeo sobre gramática, por exemplo, ele se empenha em absorver o conteúdo, ou seja, ele está com a atenção voltada para esse propósito.

Já quando nos referimos à aprendizagem incidental, como a palavra já nos sugere, é quando o aprendiz aprende algo sem ter consciência disso. Arndt e Woore (2018, p. 125) afirmam que

[...] alguns estudiosos usam o termo aprendizado incidental para descrever a aquisição que ocorre na ausência de uma intenção consciente de aprender, ou melhor, quando a atenção dos alunos não está focada no aprendizado de idiomas, mas na compreensão do material com o qual eles se envolvem.

O aprendizado incidental pode ocorrer, por exemplo, quando o aprendiz está assistindo, por lazer, um vídeo sobre um tópico que o interesse. Nesse momento o aluno não estará preocupado em entender os tempos verbais ou conjugações que os falantes da língua estão usando, pois sua intenção é a de entender o que está ouvindo. Por meio desse momento de

⁹ Vale ressaltar que não estamos criando nenhuma tipologia ao usar o termo “informal”. O uso do mesmo é unicamente uma forma de nos dirigirmos à aprendizagem que ocorre por meio das investidas autônomas do discente.

entretenimento nós absorvemos muita coisa de forma incidental. Ao assistir um vídeo no *YouTube* por lazer, nós internalizamos, de forma inconsciente, estruturas gramaticais, vocabulário, pronúncia, ritmo da língua, etc.

A quantidade de professores, entusiastas e aprendizes da linguagem humana compartilhando seu conhecimento por meio de vídeos é facilmente observável. Não é difícil encontrar pessoas, nativas ou não, professores ou não, dando aulas e dicas sobre um idioma específico e dividindo técnicas que podem alavancar a aprendizagem em determinada língua.

Esse fenômeno do ensino/aprendizagem de línguas no *YouTube* vem ganhando mais espaço a cada dia que passa. Isso pode, segundo Prensky (2010), estar relacionado ao fato de que muitas pessoas, inclusive uma quantidade cada vez maior de professores e intelectuais, já perceberam que podem alcançar melhor as pessoas com suas ideias compartilhadas em vídeos curtos em *sites* como o *TED* do que por meio de material impresso.

Para exemplificar esse fato, usaremos o depoimento que a professora Carina Fragozo¹⁰ compartilhou com membros do *YouTube* em um evento chamado “*Creator Talks*” em uma palestra no *YouTube Space* de Nova York. Ela foi convidada pela equipe do *YouTube* para compartilhar sua experiência na plataforma e aproveitou para agradecer à empresa por ter dado a ela a oportunidade de alcançar milhões de estudantes que, assim como ela no passado, não possuem condições financeiras para pagar um curso de inglês.

Carina, em sua palestra, aborda a questão da democratização da educação por meio do *YouTube*. Ela alega que “hoje educação está disponível para mais e mais pessoas”¹¹ e, segundo a palestrante, essa disseminação de conteúdo educacional gratuito por meio do *YouTube* “é a coisa mais incrível que a internet nos trouxe.”¹²

Essa visibilidade experimentada por professores no ambiente *online* é um ponto de crescente debate quando o assunto é a democratização da educação em contexto *online*. Esse debate baseia-se no fato de que os vídeos hospedados no *YouTube* variam muito em conteúdo e estão sujeitos à visibilidade mundial, o que, conseqüentemente, colabora com a vida de estudantes que se dedicam ao seu crescimento de forma autônoma.

Essa democratização *online* da educação pode ser percebida por meio do *YouTube Edu*¹³, canal no qual professores de áreas variadas (português, inglês, matemática, biologia, e etc.) postam vídeos que ajudam na socialização do ideário de educação para todos. Esse canal

¹⁰ Professora de inglês, doutora em linguística pela USP e criadora do canal “*English in Brazil*”

¹¹ Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=70-I-99W77g&t=273s>

¹² Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=70-I-99W77g&t=273s>

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8AjIwg/featured

possibilita a vários estudantes a chance de ter contato com conteúdos específicos fora da sala de aula e, conseqüentemente, oportuniza o acesso à material de qualidade para aqueles que não possuem a chance de pagar por um curso de inglês ou redação, por exemplo. A professora Carina Fragozo é uma das professoras associadas ao *YouTube Edu*, sendo, inclusive, embaixadora da plataforma.

A iniciativa do *YouTube Edu* ainda é relativamente nova, mas já apresenta frutos interessantes na disseminação gratuita do conhecimento. Os professores vinculados a essa plataforma promovem desde 2017 o chamado “Aulão do ENEM do *YouTube Edu*”, no qual eles realizam aulas ao vivo falando sobre tópicos importantes para o Exame Nacional do Ensino Médio. A democratização da educação por meio do *YouTube* é algo que tem mostrado resultados positivos e com tendências ao desenvolvimento e propagação em contexto futuro.

Agora que já foram apresentados os conceitos de intencional e incidental em contexto informal de aprendizagem, e também foi mencionado a questão do *YouTube* como uma plataforma que gera interação constante entre seus usuários, sigamos para a próxima seção. O objetivo seguinte é o de relacionar todos os tópicos acima mencionados com a promoção da autonomia em aprendizes de língua inglesa no *YouTube*. Com isso dito, comecemos com a definição de autonomia.

Autonomia de aprendizes de língua inglesa no *YouTube*

Segundo Paiva (2005), o conceito de autonomia ligado à aprendizagem de línguas estrangeiras surgiu juntamente com o modelo da abordagem comunicativa. Antes desse momento a autonomia não era reconhecida, pois o professor era o único detentor das escolhas na aprendizagem e cabia aos alunos unicamente escolher qual escola frequentar, embora isso também fosse negado aos alunos mais jovens.

Foi somente

[n]a década de setenta, com a emergência de um novo conceito de língua – língua como comunicação – e a ênfase nos processos cognitivos, a autonomia emergiu como um aspecto central no ensino de LE. A abordagem comunicativa abriu a porta para aprendizes mais autônomos [...]. (PAIVA, 2005, p. 80-81)

Fazendo uma pequena contextualização com nossa atualidade, é comum ouvirmos que na educação em língua inglesa os alunos são muito dependentes do professor. Podemos pensar em muitos motivos para tomarmos essa afirmação como verdadeira, uma delas seria o fato de que os discentes não têm noção de como aprender uma língua com a qual só tem contato em sala de aula, poucas horas por semana.

Nossos alunos, ao desenvolverem essa dependência, dificilmente buscam algo que não seja solicitado pelo professor. Nicolaides e Fernandes (2008, p. 249) enfatizam que “[o]s alunos acreditam que cabe ao professor a determinação do que, do quando, do como e do quanto estudar; a eles cabe somente seguir, de forma passiva, essas instruções para um bom aprendizado”. Esse tipo de crença compromete uma parte significativa do crescimento crítico, autônomo e intelectual do aluno, pois ele sempre terá em mente que o que o professor lhe oferecer é suficiente.

Antes de nos aprofundarmos nesse tópico, buscaremos uma definição de autonomia que melhor se encaixe em nossas necessidades. Para tanto, nos valeremos, principalmente, de Leffa (2003) e Paiva (2005).

Paiva (2005, p. 81) salienta que

Definir autonomia não é uma tarefa fácil, principalmente, porque há poucos contextos onde os aprendizes podem, realmente, ser autônomos. Os alunos, raramente, estão totalmente livres de interferência de fatores externos que funcionam como obstáculos para a desejada autonomia.

Paiva (2005), em sua pesquisa sobre autonomia e complexidade, discorre sobre uma vertente com algumas definições acerca do termo autonomia na aprendizagem de línguas. Ela cita autores como Wisniewska (1998) e Pennycook (1997) antes de idealizar uma definição própria.

A autora, após fazer uma retomada de definições de vários estudiosos, propõem que

autonomia é um sistema cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula. (PAIVA, 2005, p. 88-89).

Essa definição abre passagem para o que queremos apontar aqui. Autonomia é algo mais complexo do que somente o ato de alguém se auto ensinar; e também é algo importante para o nosso crescimento como seres humanos, ou, em um contexto mais específico, aprendizes de língua inglesa.

A questão é: Como o *YouTube* pode contribuir para essa autonomia dos aprendizes de línguas estrangeiras? Como já vem sendo apresentado desde o início desse trabalho, o *YouTube* é uma plataforma que hospeda um material que beneficia todo o aluno que se aventure nos estudos fora do contexto formal de educação. E esse é o motivo principal da escolha dessa plataforma para a realização desse trabalho.

Sabe-se que mesmo os alunos que se encontram em uma realidade na qual possuem professores de inglês extremamente capazes e que dispõem de um ambiente propício para o ensino, dificilmente alcançarão um nível alto de proficiência apenas com o tempo que lhes é ofertado em contexto de sala de aula. Para um entendimento maior da língua e da assimilação dos usos cotidianos desse idioma por seus falantes nativos, o aprendiz precisa ter contato diário com a língua. O *YouTube* se apresenta nesse momento como uma ferramenta que possibilita a abertura do horizonte dos discentes, uma vez que lhes oferta contato com diversos nativos com diferenças no sotaque, no país de origem, *status* social, etc., assim possibilitando um encontro com a língua em todas as suas nuances. A variedade de vídeos para instrução informal e autônoma é relativamente alta.

Esses vídeos se apresentam em forma de material audiovisual sobre gramática, vocabulário, pronúncia, etc. compartilhados por professores de inglês ou por pessoas de outras áreas, que por serem entusiastas de línguas estrangeiras, gostam de compartilhar dicas. Sobre isso, Prensky (2010, p. 9) argumenta que no *YouTube* existe “[u]m imenso número de vídeos de ensino, onde alguém que conhece alguma coisa ensina aos outros. Estes foram criados por professores, por pessoas em diferentes empregos e profissões e por estudantes e outros jovens”.

Mas é importante apontar que os vídeos úteis aos aprendizes autônomos não estão encerrados apenas no conteúdo hospedado por professores, pois vídeos comuns de nativos/falantes da língua inglesa também contribuem com a instrução informal desses alunos. É sabido que os aprendizes de língua inglesa, variando em nível, aprendem muito ao ter contato com a língua falada no dia a dia, ou seja, vídeos em que os falantes não estão seguindo um roteiro (como acontece, por exemplo, em CDs que acompanham livros didáticos) são úteis para nos ajudar a assimilar o ritmo, entonação e a linguagem cotidiana.

Tendo isso em mente, alunos podem transferir seus gostos pessoais para a sua aprendizagem autônoma da língua alvo. Nós geralmente temos um tema que nos chama mais atenção, sendo assim poderíamos começar a assistir vídeos sobre esses temas para adquirir vocabulário da área, expressões e estruturas comuns, além de ser uma forma de lazer. Em outras palavras, os alunos que se interessam por esportes, devem transferir esse interesse para o contexto da língua alvo e começar a assistir vídeos sobre o tópico em questão, assim como quem se interessa por gastronomia, moda, beleza, livros, filmes, celebridades, *talk shows*, etc.

Prensky (2010) elabora sobre essa variedade de tópicos, que podem ir de um vídeo ensinando idiomas à um no qual alunos ensinam matemática para outros alunos. Ele ainda acrescenta que é pura insensatez ignorar a potencialidade dos vídeos como uma poderosa

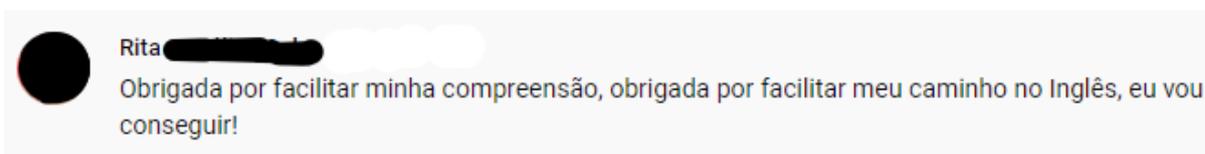
ferramenta de aprendizado dos nossos jovens. “É, na verdade, primordialmente como eles aprendem por si só, e pode-se, na verdade, aprender novas profissões de forma completa (como, por exemplo, como ser um artista ou desenvolvedor on-line) dessa maneira” (PRENSKY, 2010, p. 9).

Leffa (2003, p. 15) reitera que “[a] aprendizagem que realmente interessa, aquela que não é apenas reprodução do que já existe, mas criação de algo novo, de progresso e avanço, só é possível com autonomia”. Partindo desse pressuposto e já o relacionando com a aprendizagem no *YouTube*, podemos afirmar que a plataforma em questão contribui muito no que se refere à criação de uma nova maneira de se aprender. O *YouTube* permite que os alunos aprendam por meio de materiais que sejam significativos para eles (vídeos, músicas, filmes, etc.).

O discente que faz uso dos vídeos dessa plataforma já demonstra, ainda que inconscientemente, atitudes autônomas no seu aprendizado. Segundo Wisniewska (1998, p. 24 *apud* PAIVA, 2006, p. 80) “a autonomia do aprendiz pode ser descrita como a habilidade em assumir o controle sobre a própria aprendizagem a fim de maximizar todo o seu potencial”. Ou seja, quando o aprendiz utiliza os vídeos do *YouTube* como um recurso para aperfeiçoamento de suas habilidades linguísticas na língua inglesa, é nesse momento que autonomia se manifesta em sua realidade.

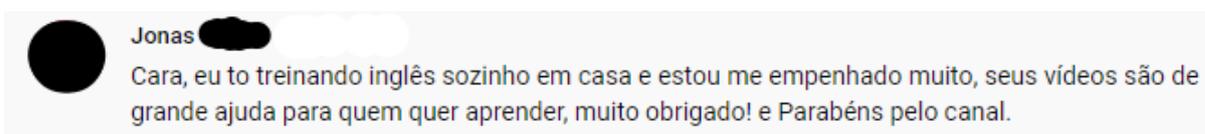
Para finalizar a discussão acerca da autonomia de aprendizes de língua inglesa nessa rede social, apresentaremos algumas falas selecionadas a partir das seções de comentários de canais destinados ao ensino do inglês.

Figura 5: Uso do *YouTube* na compreensão da língua inglesa



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=l2FIym0ABqA>

Figura 6: Uso de vídeos como complemento ao estudo informal



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=l2FIym0ABqA>

Figura 7: Uso de vídeos como complemento ao estudo formal



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=l2FIym0ABqA>

A partir desses comentários é possível notar a manifestação da autonomia nesses usuários do *YouTube*, uma vez que eles esboçam sua apreciação pela plataforma e verbalizam como os vídeos têm contribuído com seu desenvolvimento na língua inglesa. O *YouTube* tem se apresentado como uma rede social que viabiliza o desenvolvimento da autonomia em aprendizes de língua inglesa, por isso podemos constatar, por meio dos recortes acima, que há muitas pessoas que se beneficiam dessa funcionalidade. Essa plataforma possui muitas informações, e a autonomia se manifesta exatamente no momento em que essas informações chegam ao conhecimento de aprendizes, que apresentam o perfil de um aluno comprometido diretamente com sua aprendizagem.

Burgess e Green (2009, p. 13) afirmam que

Embora não seja o único site de compartilhamento de vídeos na internet, a rápida ascensão do YouTube, sua ampla variedade de conteúdo e sua projeção pública no Ocidente entre os falantes da língua inglesa o tornam útil para a compreensão das relações ainda em evolução entre as novas tecnologias de mídia, as indústrias criativas e as políticas da cultura popular.

A última seção tem por objetivo destacar três canais de professores de inglês. Com isso pretendemos evidenciar o trabalho desses *YouTubers* que produzem conteúdo de qualidade para todo aquele que, por meio de investidas próprias, queira ter um contato maior com a língua inglesa.

***YouTubers* para o ensino de inglês**

Aqui apresentaremos o canal de três professores de inglês no *YouTube*. Junto à cada canal teremos uma breve apresentação sobre o(a) *YouTuber*, apenas para conhecimento daquele que está lendo esse trabalho, e como ele(a) pode contribuir com a autonomia dos aprendizes de língua inglesa que os seguem.

O primeiro canal é o da professora Carina Fragozo do “*English in Brazil*”.

Figura 8: *English in Brazil* by Carina Fragozo



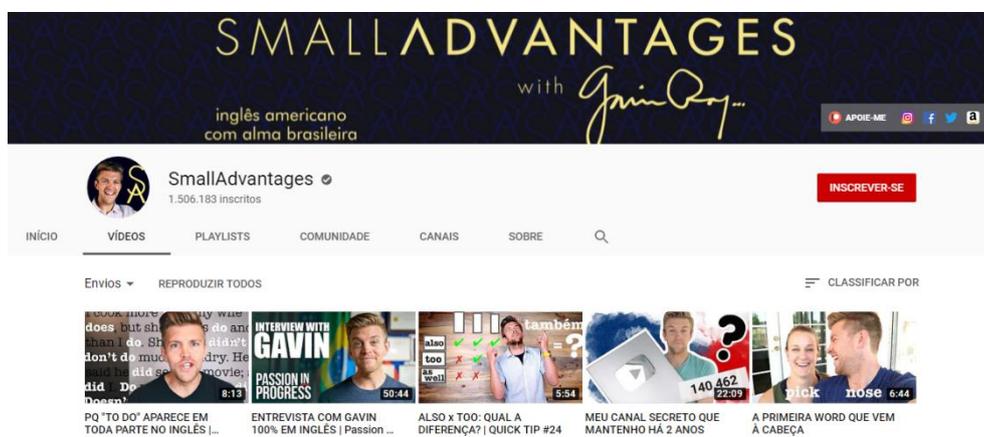
Fonte: <https://www.youtube.com/user/carinafragozo/videos>

Carina Fragozo é doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo, mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e graduada em Letras – Inglês pela mesma instituição. Seus principais interesses acadêmicos são fonética, fonologia e aquisição de segunda língua.

Seu canal aborda um pouco de tudo, gramática, pronúncia, vocabulário, curiosidades sobre o inglês e sobre a cultura dos países falantes dessa língua. O conteúdo hospedado nesse canal é explicado de forma simples, porém sempre há um ar mais acadêmico nas explicações. Carina geralmente se vale de fatos científicos e pesquisas acadêmicas para embasar suas explicações, mas nada que possa causar confusão nos aprendizes mais iniciantes.

O segundo canal é o “*Small Advantages*” do americano Gavin Roy.

Figura 9: *Small Advantages with Gavin Roy*



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCskEPRzGIsYHs_a5SJyCXag/videos

Gavin Roy, mais conhecido como Gavin, é um dos casos clássicos de aprendizes autônomos de línguas, uma vez que ele fala inglês, como língua materna, e aprendeu sozinho espanhol e português. Atualmente ele também está aprendendo a língua Tcheca. Seu canal

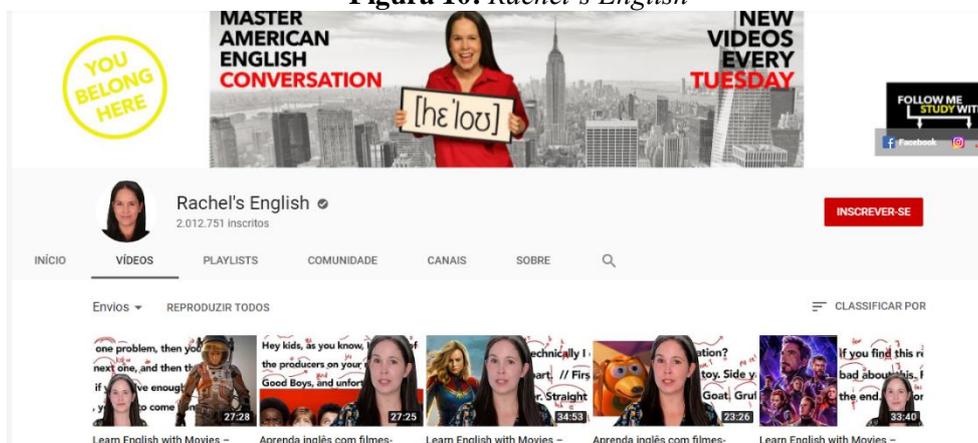
começou em meados de 2014 com o intuito de dar dicas de inglês para falantes brasileiros do português.

Embora seja um dos canais mais mencionados por aprendizes de inglês, Gavin não é formado na área do ensino. Ele é doutor em meteorologia, mas há algum tempo tem se dedicado somente à carreira de professor de inglês no *YouTube*. Ele começou apenas com dicas sobre a língua inglesa, mas atualmente seu canal possui vários vídeos sobre diversos tópicos em língua inglesa, de pronúncia à gramática.

O conteúdo disponibilizado nesse canal é apresentado de forma simples e dinâmica. Um dos pontos altos na didática do *Youtuber* é a relação que ele estabelece entre os processos de aprendizagem de línguas pelos quais passou. Essa comparação facilita o entendimento dos alunos que ainda não descobriram sua própria maneira de aprender.

O terceiro e último canal é o *Rachel's English*, da professora Rachel.

Figura 10: *Rachel's English*



Fonte: <https://www.youtube.com/user/rachelsenglish/videos>

Esse é um canal focado no ensino do sotaque americano¹⁴, e Rachel direcionou todo o conteúdo para auxiliar os não falantes da língua. O canal possivelmente ajudará os alunos interessados no sotaque americano que estão em busca de vídeos que ensinem aspectos mais mecânicos da língua, como as posições assumidas pela língua, lábios e boca ao pronunciarmos as palavras. Rachel também foca no ensino de sons que são mais difíceis para não nativos, o que, consequentemente, ajuda na jornada em busca de uma pronúncia mais inteligível.

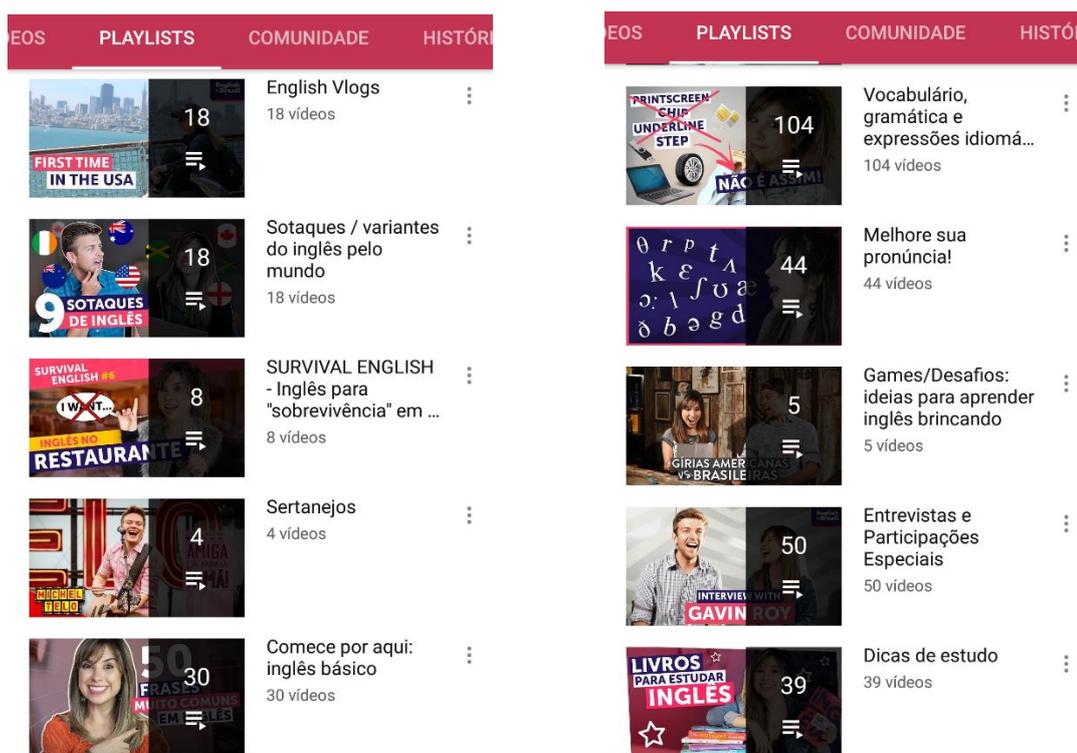
Antes de finalizar essa seção, é interessante mencionar que a maioria dos *Youtubers* criam *Playlists* em seus canais para dividir seus vídeos em tópicos. Essa divisão é outro fator que contribui com os aprendizes de língua inglesa, pois eles terão acesso aos vídeos já

¹⁴ O que ela considera como um sotaque americano “padrão”.

separados, em outras palavras, não “perderão tempo” buscando por vídeos de seu interesse nos canais em específico, só precisarão ir até a aba de *playlists* e assistir aos vídeos que sanem suas dúvidas ou que atendam às suas necessidades linguísticas do momento.

A seguir apresentamos duas imagens que ilustram como a professora Carina Fragozo separa seus vídeos em listas que atendem as necessidades diversas de seus seguidores. A professora *YouTuber* ainda deixa separado uma *playlist* específica, intitulada “Comece por aqui: inglês básico”, para os novos seguidores que querem começar com os vídeos do básico.

Figuras 11: *Playlists* do canal *English in Brazil* by Carina Fragozo



Fonte: <https://www.youtube.com/user/carinafragozo/playlists>

Esses são três canais que podem contribuir com os aprendizes autônomos de língua inglesa, dado que tais aprendizes têm nesses canais fonte de informações relevantes para a busca da proficiência na língua alvo. Além de terem contato com profissionais qualificados, os aprendizes têm a oportunidade de aproveitarem o conteúdo dos canais independentemente do nível de proficiência, uma vez que o canal da Carina e o do Gavin possuem vídeos específicos para os níveis mais básicos. E embora Rachel só fale 100% em inglês, seu canal é pensado para contribuir com o aprendizado de não nativos, ou seja, ela fala em um ritmo cadenciado e disponibiliza legendas em diversos idiomas em todos os seus vídeos, inclusive em português.

Considerações finais

Neste trabalho, nosso objetivo foi pesquisar como a plataforma *YouTube* pode se constituir como uma rede social e como ela estabelece possibilidades para promover a autonomia em aprendizes de língua inglesa. À medida que nos ancoramos nas ideias de autonomia, percebemos que o processo que se desenrola no *YouTube* se mostra benéfico para o aprendizado de línguas estrangeiras, visto que o discente tem acesso à uma vasta coleção de vídeos que contribuem com seus momentos de instrução informal.

Nessa linha de pensamento, podemos afirmar que as possibilidades de uso do *YouTube* aliadas à aprendizagem de discentes que possuam o perfil autônomo são relativamente grandes. O fenômeno do ensino e aprendizagem de línguas nessa plataforma tem tomado grandes proporções, podemos deduzir que esse fato está relacionado aos avanços ocorridos na relação entre ensino e aprendizagem e as tecnologias digitais de comunicação e informação que vem se estreitando cada vez mais com o passar dos tempos.

Com isso, concluímos que a popularidade do *YouTube* é algo que contribui para seu *status quo* quando o assunto é disseminação de conteúdo em massa, o que pode caracterizá-lo como uma rede social educacional, quando for esse o intuito. O *YouTube* é uma plataforma veio para ficar, mas cabe aqui mencionar que “não são as redes sociais que melhoram o ensino de línguas, mas o uso que fazemos dela” (LEFFA, 2016, p. 138). Nessa medida, a plataforma *YouTube*, embora apresente certa relevância para o ensino do inglês, não conseguirá, por si só, mudar o ensino; mas ela com certeza beneficiará o aluno com perfil autônomo.

Nessa linha de pensamento, acreditamos que seja papel dos professores em ambiente presencial e *online*, tanto em contextos formais e informais de ensino, assim como o de aprendizes autônomos, contribuir para o fortalecimento do *YouTube* como rede social educacional e integrável ao ensino de língua inglesa e demais conteúdos. Esse ponto se faz importante pois, como discorrido no escopo desse trabalho, são os usuários da rede social que a constituem como tal. Os professores de idiomas e os alunos autônomos são os que geram conteúdo, interação e visibilidade para o *YouTube* voltado ao ensino e à aprendizagem de línguas materna e estrangeiras, elegendo-o, conseqüentemente, ao posto de ferramenta útil no sistema educacional moderno.

Referências

ARNDT, H. L. WOORE, R. *Vocabulary learning from watching YouTube videos and reading blog posts. Language Learning & Technology*, 22(1), 124–142. (2018). <https://doi.org/10125/44660>

BARTON, D. LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BURGESS, J. GREEN, J. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

CANAL *English in Brazil* by Carina Fragozo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/carinafragozo> > Acesso em 27 de jun. de 2019.

CANAL *Rachel's English*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/rachelsenglish> > Acesso em: 28 de jun. de 2019.

CANAL *Small Advantages*. Disponível em: < https://www.youtube.com/channel/UCskEPRzGlsYHs_a5SJyCXag > Acesso em 27 de jun. de 2019

DIAS, L. C. R. *YouTube: potencialidades pedagógicas na aprendizagem da Língua Inglesa no 1º ciclo do ensino básico*. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ensino Precoce de Inglês) – Escola Superior de Educação Politécnico do Porto. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/3981/1/DM_LuciaDias_2013.pdf >. Acesso em: 10 de jun. 2019.

DORNELLES, J. P. *O fenômeno vlog no YouTube: análise de conteúdo de vloggers brasileiros de sucesso*. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10923/6987> >. Acesso em: 10 de jun. de 2019.

LEFFA, V. *Redes Sociais: Ensinando Línguas como Antigamente*. IN: ARAÚJO, J. LEFFA, V. (Org.) *Redes Sociais e Ensino de línguas: o que temos de aprender?* – 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LEFFA, V. J. *Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas*. In: NICOLAIDES, C.; MOZZILLO, I.; PACHALSKI, L.; MACHADO, M.; FERNANDES, V. (Orgs.). *O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras*. Pelotas: UFPEL, 2003, p. 33-49.

NICOLAIDES, C. FERNANDES V. *Implementação de um centro autônomo de línguas*. In: LEFFA, V. J. *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. - 2.ed., Pelotas: EDUCAT, 2008.

PAIVA, V. L. M. *O. Autonomia e complexidade*. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 77-127, jan./jun. 2006. Disponível em: <

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15628/9815> >. Acesso em: 10 de jun. de 2019.

Por que ensino inglês no YouTube. English in Brazil by Carina Fragozo. *YouTube*. 04 fev. 2018. 5min58s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=70-I-99W77g&t=273s> > Acesso em: 10 de jun. de 2019.

PRENSKY, M. *Why YouTube Matters*. On the horizon, 2010.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina. 2009.

SANDHOLTZ, J. H. RINGSTAFF, C. DWYER, D. C. *Teaching with technology: creating student-centered classrooms*. New York and London: Teachers College Press, Columbia University, 1997.

SILVA, M. T. *Contribuições Pedagógicas da Rede Social YouTube para o Ensino e a Aprendizagem de Língua Estrangeira*. 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, R. P. A. BookTube: Livros e Leitura em Vlogs no YouTube. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo. *Anais...* São Paulo: INTERCOM, 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/pyL96B> >. Acesso em: 10 nov. 2019.